

Resenha de: Menezes, Delano Teixeira, 2016. *Como pensam os militares – a construção social da subjetividade dos militares*. São Paulo: Baraúna.

Rev. Bra. Est. Def. v. 4, n° 1, jan./jun. 2017, p. 255-258

DOI: 10.26792/RBED.v4n1.2017.72611

ISSN 2358-3932

MARCUS VINÍCIUS PINHEIRO DUTRA PIFFER

Delano T. Menezes, brigadeiro-do-ar¹ da reserva da Força Aérea Brasileira e diretor do Campus Brasília da Escola Superior de Guerra, explora um nicho de literatura praticamente inexistente no Brasil: as diferenças culturais entre as três forças armadas brasileiras. A ideia central da obra é desfazer o estereótipo de que existe uma cultura militar monolítica e demonstrar como são estabelecidos os costumes, crenças e valores que moldam o comportamento dos integrantes da Marinha, do Exército e da Força Aérea. Faz isso tomando como base as características e imperativos do ambiente principal no qual operam: o navio, o terreno e o avião.

Diferente de outros autores que exploraram mais a fundo as subculturas presentes em cada força armada e, eventualmente, estabeleceram uma hierarquia entre elas, como Builder (1989) e Castro (1990),² Menezes (2016) cita-as apenas *en passant*, escolhendo as que considerou mais representativas para explorar ao longo do texto: o comandante de um navio de guerra, o soldado de infantaria e o piloto de caça. Baseado nesses perfis típicos, o autor discorre, ao longo dos capítulos sobre aspectos como os meios empregados, os tipos de liderança, a hierarquia e disciplina, a doutrina e a semiótica das liturgias e símbolos de cada força armada. Ao término, de maneira complementar e quase que desconectada do restante do livro, o autor aborda as atuais relações civis-militares no Brasil.

A Marinha, segundo o autor, é a força que cultua as mais antigas e caras tradições, compartilhadas por grande parte das marinhas de outros países. Desde a cor e corte dos uniformes até as funções e instalações no interior dos navios, os aspectos são semelhantes ao redor do mundo. Tem como característica o cosmopolitismo e também a tendência a operar de maneira independente das demais forças, pois o navio sempre sai do porto com sua tripulação, equipamentos e suprimentos necessários a se manter por longos períodos em isolamento no mar.

Marcus Vinícius Pinheiro Dutra Piffer – Chefe da Seção de Planejamento e Doutrina do Comando de Aviação do Exército.

A infantaria e, por extensão, o Exército como um todo, na visão do autor, é a escola da moralidade, da disciplina e do respeito ao outro e a si mesmo. Seus oficiais transmitem severidade e conservadorismo. O Exército é a instituição que levou a presença do Estado aos pontos mais distantes do território nacional e seus membros acreditam em um “vínculo simbólico indissolúvel entre o Exército e a nação brasileira”.

A Força Aérea é a força armada mais nova, surgida imediatamente antes da Segunda Guerra Mundial. Por esse motivo, não cultua tradições tão antigas quanto as demais forças armadas. As referências de seus integrantes são voltadas para a tecnologia e para a modernidade. O piloto de caça transmite uma ideia de superioridade em relação aos demais militares. Existe uma busca constante pela excelência em todos os seus processos, pois uma única falha pode derrubar um avião.

É inevitável estabelecer um paralelo com Builder (1989), o título seminal sobre esse mesmo assunto em relação às forças armadas norte-americanas. Ainda que se apoiem em métodos e referenciais teóricos distintos, as conclusões são, em sua maioria, bastante semelhantes, o que confere credibilidade à pesquisa de Menezes. A tradição e independência da Marinha, o senso do dever do Exército e a devoção à tecnologia da Força Aérea são expostos de maneira análoga em ambos os livros, revelando a homogeneização (DiMaggio; Powell 1983) ou isomorfismo cultural (Farrell 2002) do modelo militar ocidental.

Um aspecto que merece ser destacado na obra em tela é o seu viés. Menezes é um piloto de caça; passou grande parte de sua vida profissional exercendo essa atividade. Ao longo do texto, naturalmente os tópicos ligados à Força Aérea ganham mais destaque e profundidade, além da nítida preferência do autor. Esse viés, que poderia ser interpretado como um problema metodológico, conforme o próprio Menezes ressalta, acrescenta um aspecto adicional – e provavelmente não intencional – ao trabalho, principalmente quando analisado em conjunto com outras obras: como o autor enxerga a sua própria força armada e como enxerga as demais. Nenhum autor contesta os valores professados pelos militares das outras forças armadas, mas eventualmente conferem a eles um certo caráter utilitarista ou impregnado de interesse.

Menezes, por exemplo, trata, longamente e em mais de uma ocasião, das experiências e sensações do voo, da perfeita integração homem-máquina e do rigoroso processo de seleção dos pilotos de caça. Sobre estes aspectos, Builder (1989) afirma que esses militares se identificam mais como pilotos do que como oficiais da Força Aérea. Para os oficiais aviadores, o voo em si é a experiência máxima, sendo que o emprego militar é apenas mais um pretexto para voar.

Da mesma forma, Builder, um pesquisador civil, porém com um viés nitidamente favorável ao Exército, afirma que este é o mais leal servidor da nação e a raiz da cidadania. Menezes oferece um contraponto, dizendo que esses valores e associações históricas do Exército são uma “maneira de resguardar a corporação” ou justificar a sua existência perante a sociedade.

Ainda que tenha capítulos sobre o emprego de seus meios e sobre a doutrina dos poderes naval, terrestre e aéreo, esta obra não é a mais adequada para entender como cada força se comporta no espaço de batalha. Para esse fim, recomenda-se obras consagradas, dedicadas ao tema, como Gray (2016)³ ou Vego (2009). O mérito de Menezes é justamente expor o que não se encontra nas obras de Colin Gray ou Milan Vego: trazer à tona, de maneira didática, organizada e teoricamente embasada, a origem do comportamento dos militares e os motivos pelos quais são tão distintos entre si.

A leitura dessa obra, elaborada por um “militar com vocação de estúdio”, é de grande interesse tanto para os estudiosos que desejam conhecer mais a fundo as personalidades – como denominou Builder (1989) – de cada força armada, quanto para os militares que desejam entender os porquês das atitudes de seus coirmãos de armas, com quem convivem nas operações conjuntas, ou ainda de onde vem suas próprias crenças e valores profissionais.

REFERÊNCIAS

Builder, C. H. 1989. *The masks of war: american military styles in strategy and analysis*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Castro, C. 1990. *O espírito militar: um antropólogo na caserna*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

DiMaggio, P. J., Powell, W. W. 1983. The Iron Cage Revisited: Institutional Isomorphism and Collective Rationality in Organizational Fields. *American Sociological Review*, 48 (2), 147-160.

Farrell, T. 2002. World Culture and the Irish Army, 1922-1942. In: Farrell, T., Terriff, T., (Ed.). *The sources of military change: culture, politics, technology*. Boulder: Lynne Rienner Publishers (Making Sense of Global Security). 69-90.

Gray, C. S. 2016. *Estratégia moderna*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora. (Coleção General Benício, 531).

Menezes, D. T. 2016. *Como pensam os militares: a construção social da subjetividade dos militares*. São Paulo: Editora Baraúna.

Vego, M. N. 2009. *Joint operational warfare: theory and practice*. Newport: U.S. Naval War College.

NOTAS

1. Brigadeiro é o primeiro posto de oficial-general da Força Aérea Brasileira. O sufixo “do-ar” indica que é um oficial aviador.
2. A pesquisa de Celso Castro se concentrou no Exército Brasileiro.
3. A primeira edição é de 1999, publicada pela Oxford University Press.

Palavras-chave: Forças Armadas; Relacionamento Civil-Militar; Cultura.

Recebido em 14/04/2017. Aceito para publicação em 17/05/2017.